

Dólar vai a R\$ 5,73, maior nível desde dezembro de 2021

Desaceleração dos EUA e tensão no Oriente Médio puxaram alta

DE SÃO PAULO

O dólar disparou ao longo da tarde de ontem e superou a barreira psicológica de R\$ 5,70, encerrando no maior valor de fechamento desde fins de dezembro de 2021.

As divisas emergentes latino-americanas foram as que mais sofreram com a onda de aversão global ao risco deflagrada por temores de desaceleração mais forte da economia americana e pela tensões geopolíticas no Oriente Médio. O real apresentou as piores perdas entre as principais moedas, seguido pelo chileno.

Com máxima a R\$ 5,7430, o dólar encerrou em alta de 1,41%, cotado a R\$ 5,7350 - maior valor de fechamento desde 21 de dezembro de 2022 (R\$ 5,7388). Principal termômetro do apetite para negócios, o contrato de dólar futuro para setembro teve giro forte, acima de US\$ 17 bilhões, o que sugere mudanças relevantes de posicionamento.

"Há um movimento global de aversão ao risco que ganhou impulso forte hoje (ontem), sobretudo após indicador industrial mais fraco nos EUA e na China. Alguns indicadores estão apontando para uma desaceleração mais forte da economia mundial, o que leva a uma reprecificação (correção das previsões) dos ativos financeiros", diz o economista-chefe do Banco Pine, Cristiano Oliveira.

Após o presidente do Federal Reserve (BC america-

BOLSA EM QUEDA

O Ibovespa não conseguiu resistir ontem à forte correção do mercado financeiro de Nova Iorque e também ao câmbio. Assim, o Ibovespa recuou 0,2%, a 127.395,10 pontos. As empresas que mais pesam no Ibovespa desvalorizaram, o que explica o desempenho do Ibovespa. Vale ON caiu 2,24%, enquanto Petrobras ON e PN cederam, respectivamente, 1,85% e 1,52%. "A manutenção da taxa de juros no Brasil aconteceu, porém, o governo ainda não fez ação que melhore o cenário com relação ao fiscal.

O governo diz baixe os juros, o mercado diz suba os juros, e o Banco Central faz malabarismo para equilibrar tudo isso", acrescenta o analista da GT Capital, Anderson Silva.

no), Jerome Powell, abrir a porta para início de corte de juros em setembro, investidores ontem receberam dados sugerindo perda de fôlego maior da atividade dos EUA.

O índice de gerente de compras (PMI, em inglês), caiu em julho, na contra-mão da previsão. Os pedidos semanais de auxílio-desemprego subiram mais do que as expectativas.

A leitura de economia aquecida e resiliência inflacionária deu lugar ao temor de uma desaceleração econômica abrupta, com até eventual recessão nos EUA. Não à toa o Banco Central americano alertou que está atento a riscos para o controle de inflação e pleno emprego.

As bolsas americanas despencaram, com tombo das big techs, as taxas dos Treasuries (títulos públicos americanos) recuaram e a moeda americana ganhou força na comparação com o euro e as divisas emergentes e de países exportadores de commodities. O iene subiu mais um degrau, o que pode ter

contribuído para a depreciação mais aguda de divisas latino-americanas. O petróleo recuou com receio de enfraquecimento da demanda se sobrepondo a riscos à oferta vindos de possível conflito Israel-Irã.

SELIC EM SEGUNDO PLANO

O quadro externo deixou em segundo plano a reação ao comunicado da decisão de ontem do Comitê de Política Monetária (Copom) de manter a taxa Selic em 10,50% ao ano. A avaliação da maioria dos economistas foi a de que, apesar de vir menos duro que o esperado, o comunicado abriu uma fresta para uma eventual alta da taxa Selic caso haja piora do câmbio e deterioração maior das expectativas de inflação.

Para o economista-chefe do Banco Pine, Cristiano Oliveira, o comunicado trouxe um tom mais duro do que os anteriores, com aumento das projeções para o IPCA de 2024 e 2025. Apesar de adotar uma postura cautelosa, o comitê não sinalizou alta de juros

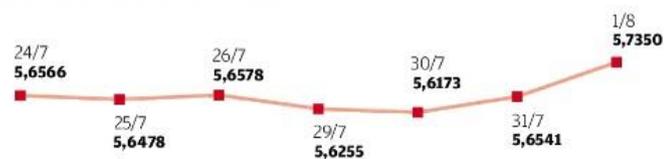


Impressão de dólares: moeda dos EUA sobe em momentos de tensão, quando investidor teme incertezas

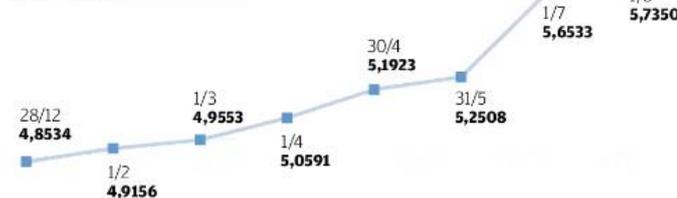
ESCALADA DA MOEDA AMERICANA

Evolução do dólar (comercial em R\$)

ÚLTIMOS SETE PREGÕES



NESTE ANO



em sua próxima reunião e parece ter como plano de voo manter a Selic em 10,50% por mais tempo, segundo Oliveira.

Ele não vê motivos para uma alta dos juros por aqui

mesmo com a depreciação do real, uma vez que a tendência é de queda das taxas globais. "O mercado já começa a aumentar a precificação de corte de 50 pontos-base nos EUA em

setembro", diz Oliveira, ressaltando que um retorno da visão de pouso suave da economia americana pode beneficiar divisas emergentes, como o real. (Estadão Conteúdo)